

tigação, é do atacante Robinho, que foi condenado na Itália a nove anos de prisão, sob a acusação de ter participado do estupro coletivo de uma jovem em 2013. O crime teria ocorrido quando ele jogava na Europa.

O jogador ainda pode recorrer da condenação em duas instâncias e nega ter participado do fato. Entretanto, não é a primeira vez que ele é acusado de agressão sexual. Em 2009, quando jogava pelo Manchester City, ele foi acusado de estupro por uma mulher que conheceu em uma boate de Leeds, na Inglaterra. O processo acabou arquivado três meses depois.

Especialistas afirmam que muitos dos problemas registrados extracampo têm relação com a falta de preparação dos jogadores para enfrentar a carreira. “O Garrincha é um exemplo, mas hoje em dia a coisa se tornou mais complexa. Este dom próprio, como uma espécie de capital do atleta, o faz se profissionalizar precocemente a fim de buscar o capital econômico, a ascensão, a distinção e o status social. Eles acabam partindo para o consumo de luxo quando ganham o primeiro salário”, explica Diniz.

### Driblando o futuro

Com o jogador Washington Santana da Silva, de 28 anos, a situação não foi diferente. O paulista criado no bairro da Brasilândia, periferia da cidade de São Paulo, jogava nos campinhos da comunidade e aos 10

## O status e o dinheiro podem estar associados a escândalos fora dos campos

anos foi descoberto por um “olheiro”. Aos 15, assinou seu primeiro contrato e viu seu hobby virar profissão.

Para o sociólogo Rafael Diniz, o que aconteceu com Washington é comum para os



**Washington** chegou a se envolver com as facilidades da vida de jogador, mas uma descoberta o fez mudar



FOTOS: CEBIDAS

“Eu não percebia que aquela vida sem limites estava me prejudicando em campo. Eu chegava às seis da manhã e levantava às oito para treinar

Washington, de 28 anos



jogadores brasileiros. “A profissionalização no futebol, na maioria dos casos, é precoce e vista como única forma que crianças e adolescentes têm para modificar suas trajetórias. É usando os pés que tentam dominar a bola para ‘driblarem’ seus futuros.”

Filho de manicure e de instalador de telefone, Washington queria proporcionar uma vida melhor para os pais e os quatro irmãos. Mas, com a mudança, ele também começou a curtir festas, farras, bebidas e mulheres. Quando foi jogar na Sérvia, o jovem passou a se afundar ainda mais nas noitadas. “Eu não percebia que aquela vida sem limites estava me prejudicando em campo. Eu chegava seis da manhã e levantava às oito para treinar. Chegava com cheiro de álcool”, revela.

## Muitos saem de uma vida de pobreza para uma de luxo e não sabem como agir

Ao retornar ao Brasil, no final de 2009, ele passou por clubes como a Penapolense, Botafogo, Joinville, Palmeiras, Paraná Clube, entre outros, e já tinha alcançado tudo o que sonhou. Mesmo assim, Washington sentia-se sozinho.

A fama, as mulheres e o dinheiro não eram capazes de preenchê-lo. Mas foi por meio de um amigo, também jogador, que, em agosto de 2010, ele aceitou um convite para ir à Universal. “Ele virou e me disse: ‘se você colocar em prática o que eu estou falando e se você não mudar, eu queimo a Bíblia’. E eu quis comprovar se minha vida mudaria”, lembra.

Há sete anos o jogador é membro da Universal. Hoje, casado e pai de uma menina de 2 anos, ele mora com a fa-

**ROBINHO** tem pelo menos mais duas chances de recurso: a Corte de Apelação e a Corte de Cassação, última instância da Justiça italiana. A Procuradoria da República, em Milão, na Itália, pediu a prisão provisória do atleta, mas a solicitação foi negada pelo Tribunal de Milão

mília em Portugal e joga pelo Desportivo das Aves.

Washington é lembrado por reconhecer publicamente o poder da fé em uma partida do campeonato paulista, em 2014, depois que marcou um gol que classificou seu time. “Foi quando gritei em campo ‘Eu Sou a Universal’. Disse isso em rede nacional. Graças aos direcionamentos que encontrei, pude reescrever uma nova história”, afirma.

### Uma lenda

Engana-se também quem acha que a fama tornará sua vida um mar de rosas. Gustavo Boccolli, de 39 anos, jogou profissionalmente quase duas décadas, mas chegou a se desiludir com a carreira e teve depressão por causa disso. “No começo da profissão, quando jogava em times menores, eu era colocado de lado. As condições de treinamento eram precárias. Às vezes, os clubes não tinham nem como pagar um salário equivalente ao de um jogador. Pensava em desistir por achar que não seria bem-sucedido. Na época, nem empresário eu tinha”, conta.

A falta de oportunidades e o desânimo são alguns dos problemas que o futebol pode apresentar, como explica o sociólogo Diniz: “são pouquíssimos os jogadores que conseguem ‘vingar’ como profissionais. E os que conseguem, por vezes, acabam ficando reféns de terceiros para gerenciarem suas carreiras, o que impacta em outros fatores importantes da sua vida”, analisa. ▶